

A Casa de Detenção

Cristina Coghi¹
Repórter da Rádio CBN.
E-mail: ccoghi@cbn.com.br

Repórter da CBN reflete sobre o compromisso dos profissionais da imprensa com a qualidade da informação divulgada

Uma mulher com crianças dormindo ao relento. Um homem maltrapilho com uma garrafa de aguardente em alguma calçada. Notícia? Não mais. E por quê? Casos banais... Banal a quem, cara pálida? Não a essa mulher, que tem um nome, uma história, e é filha da nação. Com certeza da nação desafortunada, mas não menos brasileira. Com o homem também não nos importamos. É um *bebum!* E assim, ignorando o presente, apagamos o passado e tiramos dele o futuro. Qual o significado disso? A sociedade dos *incluídos* está insensível? Não... não completamente. A sociedade está, com certeza, amedrontada, preocupada com a própria sobrevivência; o emprego, as contas a pagar, a compra do mês, a escola para os filhos, o aluguel, o lugar ao sol, onde, de uma forma ou outra, hoje também se paga condomínio. Mas quero refletir especificamente sobre o compromisso dos profissionais da imprensa. Nós, jornalistas, temos o direito de ignorar o cotidiano de milhares de pessoas, por que, isoladamente (a menos que sejam queimadas ou linchadas), não nos oferecem manchetes? Temos o direito de banalizar essas aflições, que, cedo ou tarde, explodem na forma de violência, tragédias? Não, porque, quando o fazemos, deixamos de *acordar*, incomodar e exigir soluções das autoridades.

É certo que a cada dia estamos mais atarefados. O mercado está *enxuto* e temos de cobrir duas, três, quatro matérias. Independentemente do número, a apuração tem de ser precisa e a divulgação, rápida. No rádio trabalhamos com a missão do imediato e, por isso, apesar de ainda carregarmos a pecha de veículo marginalizado, temos maior responsabilidade. Além disso, há a concorrência. Não podemos nem gostamos de *levar furos*, e, talvez por essa razão, muitas vezes deixamos lacunas enormes no que diz respeito ao compromisso com a profissão.

Como é diferente registrar um fato e de fato enxergar a notícia.

Voltemos àquele homem maltrapilho com uma garrafa de aguardente. Ele foi um trabalhador rural. Mudou-se para a cidade grande *pra melhorar de*

1. Reportagem feita em 1999. Colaboraram na reportagem os técnicos Cláudio Antônio, Jorge Roberto e Onofre Favotto.

vida. Morou com alguns parentes até conseguir emprego. Operário, *penou* para se acostumar ao ambiente fechado e barulhento. Mas *tava bom*. Alugou um quarto e logo se *arrumou com uma dona*. Até que a fábrica *foi pro brejo*, e ele junto. As economias não duraram muito tempo e *dona se mandou*. Como o inferno tem subsolo, o despejo foi uma questão de tempo. Envergonhado, ele não voltou a procurar os parentes (eles também não fizeram questão). Foi morar com um amigo, mas um dia, *desgostoso e bêbado*, brigou e partiu. Para onde? A rua virou sua casa e o céu seu teto. As roupas se perderam. O cabelo cresceu e a barba também. Como bater na porta de uma empresa desse jeito? Pensarão ser um ladrão ou um 13, código usado pelos policiais e seguranças para qualificar um louco, um *doidão*. E a dignidade? Ainda pude vê-la nos olhos marejados daquele senhor.

1 O RÁDIO ROMPENDO FRONTEIRAS

Os aspectos mais positivos do veículo rádio são o imediatismo, a segmentação e a interatividade. Pesquisas comprovam que o rádio tem mais audiência que a TV. Outros dados de grande importância: 98% das pessoas acima de 10 anos ouvem rádio e 75% dos brasileiros ouvem rádio todos os dias; 97% dos domicílios brasileiros têm um aparelho de rádio; 83% dos automóveis têm rádio; 51% das pessoas têm *walkman* e 41% acordam com rádio-relógio.

Com a internet, o rádio rompeu fronteiras. Hoje já existem mais de quatro mil rádios do mundo inteiro plugadas na internet. Mas também por causa da internet, a agilidade e a linguagem do rádio estão sendo colocadas à prova.

Renomados jornalistas e radialistas acham que a fórmula está na informação objetiva, curta, o que certamente exclui a narrativa. Mas será esta a fórmula certa? Serão suficientes 30 segundos, 40 segundos ou um minuto para informar bem o ouvinte? Pesquisas também comprovam que quanto maior a identificação do ouvinte com o que está sendo divulgado, maior a fidelidade desse ouvinte à emissora. Seria ingenuidade achar que o repórter, o locutor ou o âncora de rádio podem, com palavras, provocar o impacto produzido pelas imagens da TV. Entretanto, quero provocar meus colegas defensores da objetividade, da notícia *nua e crua* com algumas perguntas: não cabe a nós, jornalistas de rádio, ambientar nosso ouvinte? Passar a ele a emoção do fato? Isso não é feito através da narrativa? Não é nossa tarefa também explicar a notícia e debatê-la? Abdicar disso em nome da objetividade não nos automatiza e nos distancia da função social... ou não temos essa função? Um dos trabalhos de que mais tive retorno foi uma série em que procurei fazer o ouvinte exercitar a imaginação e *ver* aquilo que eu havia visto. Uma tarde, o coordenador de redação da rádio CBN, Zallo Comucci, me chamou para dizer que faríamos um trabalho na Casa de Detenção de São Paulo. Na época, o gancho da pauta era a desativação do presídio. A idéia era contar a história do quadrilátero, mas sem nos ater ao que todos, ou quase todos os veículos, já tinham apresentado: os crimes cometidos por aqueles homens, as fugas espetaculares, o massacre dos 111 presos em 1992.

Como viveriam aqueles homens, o que fariam, qual seria o cotidiano? Passei dias à espera de autorização para entrar no presídio, enquanto isso trabalhei intensamente para exorcizar todos os conceitos e preconceitos do que imaginava que encontraria. Quando fui à Casa de Detenção, lembro-me de que permaneci alguns minutos em frente ao portão principal. Atravessei a avenida Cruzeiro do Sul e parei um senhor. Pedi a ele que olhasse para o presídio e manifestasse sua impressão. “Acredito que seja uma fábrica de bandidos” – sentenciou. Voltei ao presídio quase que mecanicamente, mas o barulho dos portões que se fechavam atrás de mim soou como um despertador. Na *maloca* (lugar onde os presos conversavam com os advogados) conheci o senhor Waldemar, agente penitenciário, meu cicerone e anjo da guarda naquele mundo desconhecido. Começamos a andar pelos pavilhões e os presos soltos pelos pátios me olhavam, naturalmente curiosos. O senhor Waldemar me levou até a sala dele, mesmo local onde os presos organizavam os torneios de futebol. De repente, para meu desespero, ele se lembrou de que precisava resolver algo e pediu que aguardasse. Sentei-me no sofá e confesso que rezei. A porta estava aberta e os presos, alertados sobre a visita, passavam insistentemente no corredor. “O que será de mim se eles tentarem algo?” – martirizava. Hoje chega a ser engraçado, mas lembro que limpei o batom e verifiquei os botões da blusa.

Como agente penitenciário, seu Waldemar não usava arma. Nem precisava. Com o passar dos dias, descobri que ele tinha algo muito mais poderoso: o respeito dos reeducandos.

Visitei a Casa de Detenção nove dias seguidos. Saí de lá com 16 horas de depoimentos gravados. A cada dia de visita, ligava para meu coordenador, pedindo mais espaço e aval para usar trilhas sonoras. Recorri ao magnífico técnico e amigo Cláudio Antônio para elencar as trilhas sonoras e montar efeitos que pudessem destacar informações. Pedi algo que pudesse encerrar as matérias; algo que fizesse o ouvinte perceber a divisão entre o mundo de dentro do presídio e o mundo de fora. Elegemos o som da tranca dos cadeados e dos portões de aço. O resultado foi uma série de 13 matérias; aproveito agora o espaço para documentá-las. A série foi divulgada durante uma semana. Claro que nem todo o material registrado foi usado para o produto final. Mas utilizamos todos os ricos elementos do rádio: a palavra, os sons ambientes, a narrativa.

2 HISTÓRICO

Foi documentado. A Casa de Detenção seria construída para dar suporte à Penitenciária do Estado. O novo presídio deveria propiciar condições de vida mais humanas aos presos que ainda não haviam sido julgados. Os Pavilhões foram erguidos no bairro até então ocupado por apenas alguns donos de sítios e chácaras. A Casa de Detenção de São Paulo foi inaugurada em 1956.

O tempo e, principalmente, os contratemplos mudaram o cenário e desviaram o propósito. O que em 1956 estava longe dos olhos da sociedade paulistana, viria a ser o centro das atenções das Organizações Internacionais de Direitos

Humanos. O que deveria garantir melhor condição, tornou-se um ultraje à idéia da recuperação, um símbolo da violência. O cenário da Casa de Detenção feria os olhos e a alma. As reflexões sobre o presídio eram negativas e severas.

3 SETE MIL E TREZENTOS PRESOS

A Casa de Detenção foi o maior presídio da América Latina. Não existe aí nenhum orgulho. As “expressões barril de pólvora”, “caldeirão do diabo” e “quadrilátero dos massacrados” foram as mais usadas e adequadas. O governo prometeu desmantelar isso tudo; o modelo, no entanto, entrou para a história para que não seja repetido.

Na Casa onde se gastava um milhão e seiscientos mil reais por mês só com refeições, a ociosidade da maioria dos presos foi uma imposição do próprio sistema.

A mão-de-obra estava disponível, mas faltava emprego. Quem tinha oportunidade de ocupar a mente e o físico se agarrava a ela. No início do ano de 1999, um milhão e oitocentos mil cadernos foram produzidos pelos presos. Entre agosto e outubro desse mesmo ano, saíram da Detenção para o mercado quinze mil bolas e trinta mil pares de sapatos. Mil e oitocentas vagas oferecidas por seis empresas que atuavam na Detenção foram todas preenchidas. Foi de uma das oficinas da laborterapia que tiramos o preso Adeir Cupertino para uma conversa. Ele estava na Detenção havia oito anos pelo crime de assalto.

Cupertino: — *Se tem trabalho, nós ficamos longe dos problemas, porque a mente está ocupada. Naquilo que somos discriminados pela sociedade, no trabalho, estamos conseguindo dar a volta por cima neste submundo. Falta trabalho e educação nas cadeias e penitenciárias.*

Cupertino era responsável por um grupo de 120 homens que naquele mês estavam empenhados na produção de 770 mil cartões para uma empresa de cosméticos. Eles iriam ganhar no final do mês entre 50 e 60 reais. Mas a principal recompensa era a remissão da pena. A cada três dias trabalhados, os presos ganhavam um dia de remissão; um dia descontado do total da sentença. As empresas também só tinham vantagens: o salário não chegava perto do mínimo determinado pela lei e elas recebiam isenção dos encargos sociais.

Cupertino: — *Muitos empresários não acreditam e não investem nos presos. Eles não sabem o que estão perdendo, porque aqui há pessoas responsáveis, que ama (sic) a oportunidade que têm de trabalhar. Ainda que tem (sic) alguns que não dá (sic) valor... mas nós, quando conseguimos, abraçamos essa oportunidade e precisamos de alguém que confia (sic) em nós.*

Adeir Cupertino era um privilegiado na Casa de Detenção. Preso de bom comportamento também tinha vaga garantida nos laboratórios de informática e nas aulas de inglês. Queria voltar às ruas preparado para não mais jogar no lixo a liberdade.

Cupertino: — *Eu tenho uma grande perspectiva... a de amanhã receber uma oportunidade da sociedade e poder me reintegrar. É por isso que faço tudo. Eu trabalho e estudo porque quero continuar sendo alguém na vida!*

4 APRENDENDO A APRENDER

— Qual é o nome do senhor?

— *Francisco Ferreira Braga.*

— Qual é a profissão do senhor?

— *Sou advogado.*

— O que o senhor acha fundamental para a recuperação de um preso?

— *Bem... educação é tudo na vida, né? Para aqueles que vivem bem com a sociedade e para aqueles que transgridem. Tem que ter educação para se recuperar e poder viver entre nós.*

A maioria dos presos da Casa de Detenção viveu alguma fase da liberdade em absoluto estado de pobreza: 95%, segundo o censo penitenciário de 1994 e 1997. O mesmo censo mostrou também que 74,5% ou não foram à escola ou não chegaram a concluir o primeiro grau. Ironicamente, para parte deles, foi no castigo da pena que a oportunidade apareceu. Como as vagas para o trabalho, as do ensino também eram insuficientes na Casa de Detenção. Em cada pavilhão existia uma sala de aula. O básico foi garantido pela Fundação de Amparo ao Preso e o ensino supletivo até o segundo grau, pela Fundação Roberto Marinho, através do Telecurso 2000 e, também, pelo Telecurso Universal, da Igreja Universal do Reino de Deus. Eram oitocentas vagas; todas preenchidas. O número, no entanto, corresponde a apenas 10% da população carcerária. Os professores também são presos. William Dermon, ex-metalúrgico da Ford e Brastemp, até então com seis anos de Detenção. William foi professor de geografia de cem reeducandos, como preferia chamar.

William: — *Chegando aqui a gente tem de abrir novos horizontes. Te tiram o mundo, ou você mesmo faz por onde esse mundo suma (sic) e você nasce de novo. Você chega sem nada e precisa construir uma vida aqui dentro; desenvolver. Esse desenvolvimento pode ir para vários campos. Você pode se desenvolver na criminalidade, você pode se desenvolver na intelectualidade ou você pode optar por um campo que te dê melhores possibilidades de aprimoramento do que já sabia.*

— Você veio para cá por quê?

William: — *Eu vim num artigo 159 (seqüestro).*

— A satisfação de um professor é contribuir com a educação de uma criança, de um adolescente. Qual é a gratificação de um monitor na Casa de Detenção?

William: — *A gratificação de um monitor aqui é muito grande. Primeiro porque você pega uma pessoa que já está formada. Então, você pega uma pessoa com uma mente totalmente diferente daquilo que você está ali para passar para ela. Você pega camaradas que vêm de vários tipos de crimes, pessoas que têm toda uma filosofia de revolta, até mesmo da sociedade por aquilo que já vivenciou. Então,*

ele chega com aquela coisa formada e você tem de ir aos poucos transformando aquela pessoa e fazendo ela ver tudo de maneira diferente.

— Você já conseguiu isso?

William: — *Eu acredito que sim. Estou monitorando há três anos e já vi duas turmas se formando. Eu dou aulas de geografia e a geografia nos dá possibilidades de estudar os países, a economia e estudar por que estamos nessa situação, por que a gente veio parar aqui, por que a gente não teve outras possibilidades para bloquear isso. Então, a gente tem essa gratificação de ver o cara começar a entender o porquê de tudo que aconteceu na vida dele.*

O professor William Dermon também ensinou aos presos cobrar a educação como um fator de diminuição da criminalidade.

William: — *Muitas coisas que a gente faz na vida, a gente faz por falta de informação. E a gente só está informado quando tem um estudo maior, uma cultura maior. Muitas pessoas roubam, porque não têm cultura suficiente para conseguir um emprego. A necessidade leva a pessoa a isso... não quero também falar que todos estão aqui por causa da sociedade, por causa das circunstâncias da vida. Não. Muita gente está aqui porque realmente optou pela vida de crime. Mas tem muita gente que está aqui porque não teve outra possibilidade de viver... teve de agir daquela maneira...*

5 DONS RESGATADOS

Palitos de fósforos, pacientemente moldados, erguiam a estrutura da miniatura de um navio. As mãos, que carregaram armas e tiraram vidas, separavam e recortavam tecidos, bases para flores artificiais. Quadros revelavam os anseios pela liberdade e as angústias dos homens proibidos de chorar. Artesanato, escultura, pintura, poesia, teatro.

Na Casa de Detenção, a arte surgia como válvula de escape ao ócio. Muitos se agarraram a ela como se agarrassem a oportunidade de mostrar à sociedade que ainda viviam, pensavam e criavam.

Grupo sertanejo canta: “Às vezes me pego sozinho pensando em você...”. Romão e Denílson. Eles foram as vozes do grupo que reunia também Jorge e José. Chitãozinho e Xororó, Zezé de Camargo e Luciano nunca ouviram falar de Romão e Denílson. Foi a vida e o trabalho deles, no entanto, que fizeram aflorar o desejo de recuperação destes presos. O grupo tinha 12 músicas registradas. Com a ajuda de familiares, eles conseguiram mostrar algumas delas em duas emissoras de rádio. Depois disso começaram a receber correspondências. Cartas animadoras de pessoas já se declarando fãs. São cerca de 50 por mês. Romão e Denílson estavam há cinco anos na Detenção. Os crimes eles não revelavam. Querem apagar o passado.

Denílson: — *O que realmente interessa à dupla Romão e Denílson é que haja oportunidade de mostrar nosso trabalho. E aí, com certeza mais à frente terá explicação. Acho que agora é nova vida. A oportunidade que a gente espera ter é que realmente possamos mostrar do que nós é (sic) capaz.*

O trabalho era levado a sério. Eles sabiam que o maior desafio seria reconquistar a confiança da sociedade.

Grupo canta: — *Cadê você? Onde foi que se escondeu. Eu procuro no meu peito, não consigo te encontrar...*

Romão: — *Aqui dentro nós não sabe (sic) o dia de amanhã. A gente só sabe o dia de hoje. Com muita fé em Deus e Nossa Senhora Aparecida, nós pede (sic) para a população dar uma força para a saída da gente e também receber a gente de braços abertos, porque nós para eles somos tudo (sic) monstros. Mas eles estão enganados, por isso estamos batalhando e pedimos muita força a Deus. Estamos batalhando dia e noite para ter essa oportunidade lá fora.*

— Você disse que as pessoas lá fora te (sic) consideram monstro. Você se define como?

Romão: — *Eu estou pedindo um futuro para Deus. Lá fora só quero saber de gravar meu CD e seguir uma carreira.*

Denilson: — *E provar o contrário. Provar que a gente tem capacidade de ser alguma coisa boa e fazer as pessoas gostarem do nosso trabalho. Provar o contrário do passado.*

Numa oficina de violão, presos tentavam encontrar outra habilidade. A missão de desviar as mentes do crime para a sensibilidade da música foi abraçada por Francisco Rodrigues da Silva. Ele estudou violão e tentava usar o que desperdiçou.

Francisco: — *É muito importante as pessoas incentivarem... Eu incentivo meus alunos. Digo que isso pode parecer nada, mas que na rua cansei de ganhar dinheiro tocando em quiosques. Eu vejo brilho nos olhos das pessoas, quando elas aprendem. É como quando você tem um filho e essa criança começa a dar os primeiros passos... E você vê o brilho no olhar da mãe e do pai. A mesma coisa sinto com meus alunos. É bom também que ocupa a mente deles para evitar muitas coisas.*

O professor era filho da classe média. Teve acesso à boa escola e nunca passou fome, mas estava preso por assalto. A história de um homem que tinha tudo para dar certo, mas encontrou uma pedra no meio do caminho... No meio do caminho havia uma pedra...

Francisco: — *Eu estudei em escola estadual, estudei em escola paga, estudei em colégio interno e fiz dois anos de faculdade. Eu estudava física.*

— Onde o senhor aprendeu a tocar violão?

Francisco: — *Na rua... Sou formado na rua. Fiz escola... estudei doze anos, abri um salão de baile e comecei a tocar no meu salão. Ali eu me envolvi com o crime, conheci o crime. Eu nasci na classe média alta e enxergo as coisas. Eu estou nesse lugar não por culpa de ninguém. A culpa foi minha mesmo. O outro lado da vida eu descobri aqui na cadeia.*

— Por que o senhor está aqui?

Francisco: — *Eu estou aqui pelo 157 (assalto) e agora estou vendo se reconstruo alguma coisa do que restou da minha vida.*

6 PAVILHÃO QUATRO DA CASA DE DETENÇÃO

Celas individuais onde se conseguia resgatar um pouco da dignidade. Em vez de buracos no chão, vasos sanitários e pias. Os presos aproveitavam para criar um ambiente mais aconchegante: cortinas, quadros, tapetes, rádio e televisores.

Ter uma cela individual era um privilégio. Os critérios não eram claros. O pavilhão foi construído para presos com curso superior e ex-policiais. Não funciona assim. Quem estava no pavilhão quatro definia: era ocupado por quem apresenta bom comportamento. Os que estavam fora acusavam: tinha uma cela individual o preso cuja família tinha dinheiro. O pavilhão cheirava a éter. Éter da enfermaria sempre cheia. Demasiadamente cheia na segunda-feira; dia em que as dívidas eram cobradas. Desavenças, drogas. Quem não pagava...

— Nesse acerto de contas, qual é o tipo de ferimento que chega aqui?
Enfermeiro: — *Geralmente facada e paulada.*

Na enfermaria duas alas eram isoladas. Em uma ficavam os presos com tuberculose. Uma doença ainda sem controle na Detenção. Em 1994, um estudo feito pela Universidade de São Paulo revelou 80% dos presos com o bacilo da tuberculose. Também ficavam isolados os que não suportaram a realidade e fugiram dela – os doentes mentais.

Antônio entrou na Casa de Detenção como um preso comum. O tempo passou e ele não aguentou...

— O senhor tem idéia por que veio parar aqui?
Antônio: — *Eu vim para cá para trazer ... (palavra inexistente), também geladeira para não faltar o café. O grande motivo aqui é o café para tomar (sic).*

A assistência aos doentes era garantida por seis médicos. Durante nossa visita, nenhum estava presente. Na prática, o que vimos foi preso cuidando de preso. Voluntários que recebiam orientações de um único enfermeiro profissional: Luis Guilherme Teodore de Oliveira.

Luis: — *O enfermeiro na Casa de Detenção tem de ser mágico acima de tudo. Ele tem de fazer o papel do médico, do psicólogo, do assistente social, da família e do terapeuta ocupacional.*

— Tem material disponível para tratar bem o preso doente?

Luis: — *Medicamentos nós temos o básico, mas não é o ideal. A problemática crucial na Casa de Detenção é que ela não é vista como um hospital. Nosso número de doentes é superior ao de um hospital de pequeno porte.*

— E os médicos?

Luis: — *O número de médicos é insuficiente.*

— São quantos médicos?

Luis: — *Atualmente são seis médicos.*

— E onde estão eles?

Luis: — *Estão... agora eles devem estar cumprindo as horas de trabalho. Um atendeu de manhã... outro à tarde...*

— Eles trabalham de fato? Cumprem o horário?

Luis: — *O que me consta... acho que cumprem...*

7 DOENTES DE AIDS

Ele foi jovem e como jovem pensava que podia tudo. Não tinha comida na mesa, mas podia ser importante na turma. Desafiou as drogas e acabou consumido pelo vício. Roubar foi consequência. Uma ação atrás da outra. Um baque atrás do outro. Apenas parte da história de Paulo Sérgio Galdino, um homem condenado pelo sistema e pelo destino. Paulo ocupava um dos leitos da ala dos presos com Aids da Casa de Detenção.

Paulo: — *Foi na rua. Eu contrái o vírus na rua, porque usava muita droga.*

— Há muito tempo que você descobriu que tem o vírus HIV?

Paulo: — *Há oito anos.*

— Como você se sente hoje, Paulo?

Paulo: — *Eu me sinto... uma pessoa que queria viver muito mais...*

— Qual sua expectativa... tendo já desenvolvido a doença e estando na Casa de Detenção?

Paulo: — *É difícil... é difícil. A gente como preso, tendo essa doença... seria (sic) a mesma coisa de pagar duas cadeias... uma é a pena e a outra a pena de morte... ninguém quer morrer antes da hora. Agora, a gente procurou o caminho mais curto.*

— Você se arrepende da vida que levou?

Paulo: — *Me arrependo com certeza.*

— Se você pudesse rever tudo... como seria?

Paulo: *Minha vida hoje seria de homem trabalhador...*

“Aids se trata com amor”. *Slogan* surreal na Casa de Detenção. O questionamento era inevitável. Os presos encaravam a discussão mas, fragilizados pela doença, imploravam igualdade.

Com base numa pesquisa realizada em 1994, o Núcleo de Estudo da Aids da USP estima em cerca de 1.200 os presos da Detenção contaminados pelo vírus HIV. Desde 1993, os presos têm direito à visita íntima. Paulo César Souza Leite tem o vírus e contaminou a mulher. O último dos cinco filhos do casal também nasceu com o HIV. Paulo se desesperava. Queria o regime semi-aberto para ficar com a família. Poderia ter o benefício porque já havia cumprido mais de um sexto da pena. Acreditava estar sendo discriminado por ser um doente de Aids.

Paulo: — *Muitas das pessoas estão com o direito da condicional, do albergue, algum benefício, e eles não dão. Muitos já estão com a pena cumprida e não vão para a rua...*

— Há preso doente com pena vencida?

Paulo: — *Tem... tem.*

— O que mudou na sua vida depois que você descobriu que tinha o vírus HIV?

Paulo: — *Mudou muita coisa. Tem o afastamento das pessoas; muitos têm o afastamento das famílias (sic)... fica muito difícil...*

8 SUBMUNDO PARISIENSE

A comunidade infratora não perdoa o descumprimento das próprias leis. Na hora das refeições, não se podia falar alto, circular ou ficar sem camisa. Nos dias de visitas, nenhum preso podia olhar para a mulher de outro preso. As dívidas deveriam ser pagas sempre às segundas-feiras. Quem desafiava o código da Comunidade Carcerária podia morrer.

Nos presídios, os excluídos também excluem. Homens condenados por estupro são caçados. Para sobreviver, refugiavam-se em apenas um espaço do quadrilátero. Apenas um pavilhão: o do seguro.

Concentração subumana. Celas lotadas. O quinto andar do pavilhão exalava mau cheiro. Era o amarelão, as celas onde eram colocados aqueles que também infringiram regras do presídio. Dez, quinze homens, ocupando o mesmo espaço fechado por seis meses.

O pavilhão dos excluídos também era conhecido como pavilhão Paris. Era ali que morava a maioria dos homossexuais do presídio. As monas da Detenção, cerca de 40 travestis, discriminados por todos, mas procurados pela maioria. Josenildo, Elson, Adolfo e Robson... ou melhor... Patrícia, Tracy, Micaeli e Bárbara.

Na Detenção, um travesti fazia programas literalmente pela sobrevivência. Eles cobram entre 10 e 50 reais, dinheiro vivo. Foi-se o tempo em que a moeda corrente na Casa era o cigarro. Um travesti que recusava um programa, provocava ira e colocava em risco a própria vida.

Tracy estava na casa desde 1992 pelo crime de assalto. E conquistou espaço. Mas nem sempre foi assim. Tracy já havia sido currada e esfaqueada simplesmente por ter dito não.

Tracy: — É um confronto muito violento, sabia? É um confronto muito forte. Sobrevive o mais forte. Aqui eu vim aprender o lado obscuro, o submundo. Então, você tem que se fazer respeitar. Não vai deixar as pessoas te usar (sic) à força. Você também tem de saber usar a força contra elas. Então, você aprende a se defender.

Na Casa de Detenção era comum o casamento entre presos e travestis. Uma mona casada não era ofendida, mas também não podia sair da cela. Uma prisão dentro da própria prisão. Patrícia, quatro anos de pena, e três casamentos.

Patrícia: — Eu ficava trancada. Ele vinha de manhã me ver e quando saía passava o cadeado na porta. De meia em meia hora ele vinha me ver. Ele não deixava faltar nada. Mandava alimentação e eu deixava o barraquinho arrumadinho.

— Mas não é uma prisão dentro da prisão?

Patrícia: — Em parte é bom, porque muitas de nós não gostam de ficar se prostituindo. Então eu prefiro ficar com um parceiro fixo, por isso passo muito tempo casada.

— Com a transferência, o casamento termina?

Patrícia: — Termina.

— Você fica liberada para ter um outro relacionamento?

Patrícia: — Exatamente. A partir do momento que ele põe o pé para fora, para outra cadeia, então, a gente está liberada para casar novamente.

— Nos dias de visita, os travestis não podem circular pelo pavilhão. Olhar para os familiares dos presos pode resultar numa agressão posterior.

Patrícia: — *A gente não pode ficar lá embaixo e esperar uma visita.*

— Por que isso?

Patrícia: — *Porque é regra deles.*

— Eles consideram a presença de vocês uma ofensa aos familiares?

Patrícia: — *Exatamente. Então, a gente se põe no nosso lugar.. Os homossexuais reclamam dignidade. Acham que ficariam melhor num presídio feminino.*

— Numa visão muito radical da rua, o que se diz é que há, de certa forma, prazer dos travestis em ficar entre os presos homens. Isso é verdade?

Tracy: — *Uma pessoa em sã consciência, em seu estado normal, jamais falaria isso. Ninguém sabe o que é passar 24 horas aqui. Aqui não existe e nunca vai existir prazer...*

9 RELIGIÃO

Sete mil e trezentos homens tentando sobreviver ao tempo no quadrilátero da violência. A energia contida fazia ferver o caldeirão do diabo.

O trabalho é um privilégio e como tal servia apenas à minoria. A falta de ocupação atiza o desejo da liberdade. Tem sempre alguém planejando uma fuga. Em 1996, 51 presos fugiram num túnel de 80 metros. Num dia de visita, com a roupa de um parente e um documento falso, um preso fugiu pela porta da frente. No lugar dele, na cela, ficou o familiar.

Os presos tentavam se livrar do submundo criado por eles próprios. Neste dilema, muitos buscavam ou eram buscados por missionários que ofereciam uma nova vida pela redenção. Católicos, espíritas, evangélicos; mais expressivamente evangélicos.

Eram nove denominações diferentes atuando na Casa de Detenção. Não existia um número oficial, mas a estimativa era de pelo menos 1.500 presos convertidos.

Valdir Inácio de Lima era pastor da Igreja Evangélica Brasil para Cristo. Estava há dezesseis anos na Casa de Detenção. Diz que relutou muito para aceitar a religião. Mas que se considerava um homem salvo por Jesus.

Valdir: — *Foram vários convites, vários, vários... e eu sempre falava “Não, hoje não, hoje não”. Quando foi um dia, eu descí para a visita e o pastor fez o apelo... eu levantei minha mão e até hoje... estou firme.*

— O Valdir é outro homem hoje?

Valdir: — *Graças a Deus!*

— Qual é o homem que o Valdir é hoje e qual era antes?

Valdir: — *Antes era um homem sem juízo, cheio de maldade. Hoje em dia sou um homem recuperado. Penso em coisas boas, em vez de fazer o mal, quero ajudar e fazer o bem a todos. Deus mudou minha vida, porque o cristão nunca faz mal a ninguém. O negócio é ajudar. O cristão sabe o que é bom e o que é ruim.*

— Qual foi o crime que o senhor cometeu?

Valdir: — *Latrocínio (assalto seguido de morte). Eu fui uma pessoa muito ruim na rua, mas, graças a Deus, essa ruindade Deus tirou da minha vida.*

— O senhor acha que está perdoado pela lei de Deus?

Valdir: — *Estou sim... tenho certeza absoluta, porque "todo aquele que se arrepende será perdoado". O que eu não posso é sair daqui e praticar outro crime.*

— O senhor se arrependeu?

Valdir: — *Em nome de Jesus!*

— E pelos homens? O senhor acha que foi perdoado?

Valdir: — *Pelos homens, eu estou tirando minha sentença. Eu sei o que cometi lá fora e tenho a obrigação de tirar minha punição quietinho, no meu lugarzinho. Eu tenho de tirar minha cadeia. Eu plantei, eu tenho que carregar minha cruz. Errei e tenho de pagar meu erro. Cada um que faz coisas erradas, tem de pagar o erro... ninguém tem nada a ver.*

— Quantos presos o senhor já trouxe para a Igreja? Quantos o senhor já convenceu?

Valdir: — *Vários. Não dá para contar!*

— É essa a missão do senhor hoje... arrebanhar?

Valdir: — *Minha missão é arrebanhar junto com meus irmãos, os pastores. Quem crê será salvo, quem não crê, poderá ser condenado. Então, pregamos a Palavra de Deus para todas as pessoas, como uma obrigação. Eu já anunciei o Evangelho para policiais, para o diretor-geral...*

— Deu resultado?

Valdir: — *Eu prego para eles. Quem sabe um dia Deus toca no coração deles. Não é verdade?*

— Com este afinco, o senhor diria que esses dezesseis anos não foram perdidos?

Valdir: — *Esses dezesseis anos que estou tirando de cadeia não foi (sic) perdido, porque aqui eu encontrei Jesus Cristo, aceitei ele (sic) como meu salvador. O conselho que dou para muitos que estão aqui... que se peguem com Deus.*

Para ser aceito numa Igreja evangélica, os presos passam por uma espécie de prova. Têm de estudar com afinco, trabalhar e esquecer as drogas. O teste dura um mês. Quem vacila é dispensado. Facilmente se reconhecia um evangélico na Detenção. Eles estavam sempre de barba feita e abandonavam os chinelos e camisetas por sapatos e camisas. Com o crescimento do número de evangélicos, aumentou também o número de batismos e casamentos na Detenção.

10 PENA ALÉM DA PENA

Lei 7.210 de 1984. Garante aos presos benefícios a partir do cumprimento de um sexto da pena. Entre os quais, o regime semi-aberto. A lei diz que o preso poderá ter o benefício se responder ao quesito de bom comportamento e se for aprovado na avaliação feita por uma equipe de psicólogos e psiquiatras.

Teoricamente, para buscar esse direito, de cumprir um sexto da pena, o preso precisa apenas de um advogado. Com o sistema superlotado e o judiciário também, a lei emperra.

Antônio Cassiano da Silva Filho, condenado a três anos de prisão em regime fechado por falsidade ideológica. Ele falsificara um cheque no valor de 90 reais

e 90 centavos. Cassiano já havia cumprido dois anos da pena. Passou um ano e sete meses no Distrito Policial de Vila Mirna. Estava há cinco meses na Casa de Detenção. Não tinha infringido regras do presídio. Se tivesse o benefício, já poderia estar numa colônia prisional.

Antônio: — Baseado neste direito, eu fiz, de próprio punho, o pedido de semi-aberto e encaminhei à Vara de Execuções, que é o órgão que trabalha com esse objetivo. Eles me falaram que, para conceder esse direito, eu teria de prestar um exame criminológico. Só que como eu estava no distrito, isso não foi possível. Depois de mais ou menos uns sete meses, eu fui transferido para a Casa de Detenção e aqui fiz esse exame. Já faz aproximadamente quatro meses e até agora o exame nem da Casa saiu. Está parado e isso está me prejudicando.

— A lei não funciona...

Antônio: — A lei não está funcionando.

Nós pedimos um levantamento do processo de Antônio Cassiano à Fundação de Assistência ao Preso. A diretora, Diana Romanini, confirmou: por mais de duzentos dias o laudo que podia garantir a liberdade, ainda que parcial, de Cassiano, estava parado no Setor de Valorização Humana da Casa de Detenção. O setor tinha apenas um funcionário.

Pior que a descrença no cumprimento da lei, é a certeza de que a justiça falha.

11 CENTO E ONZE PRESOS MASSACRADOS

Dois de outubro de 1992. Casa de Detenção.

Uma briga começa no Pavilhão 9. Um preso conhecido por Coelho fere com uma faca improvisada o preso Barba. Companheiros de Barba partem para o revide. Os agentes de segurança tentam acalmar os ânimos. A confusão aumenta. Entre os presos do Pavilhão 9, Edmilson de Souza e Wellington dos Santos.

Depoimento: — A gente morava no 403-I. Naquele momento a gente estava conversando. De repente, eu subi na cama, olhei pela janela e vi um certo tumulto no pátio. Eu vi os funcionários correndo e de onde eu me encontrava dava para escutar eles gritando “Corre, que virou a cadeia!”.

Os agentes deixam o Pavilhão 9. A situação está fora de controle. A polícia militar é chamada pelo diretor da Casa de Detenção, Ismael Pedrosa. Depois de consultar e obter autorização por telefone do secretário de Segurança Pública, Pedro Franco de Campos, o comandante do Policiamento Metropolitano da Polícia Militar, coronel Ubiratan Guimarães, decide entrar no presídio.

Quatro e meia da tarde. Entram na Detenção os homens da polícia militar e também a elite da corporação... Rota, COE, Canil.

Edmilson: — Eu vejo como se fosse hoje o dia da rebelião. A gente ameaçou subir o andar, e na gaiola eles abriram o portão já com metralhadora; já se preparando, como se fosse (sic) trocar tiro. Então, nós recuamos. Foi quando eles adentraram o pátio... e já entraram atirando!

Wellington dos Santos estava na barbearia.

Wellington: — *Um deu um disparo... eu me joguei atrás da porta. Assim que ele baixou a arma, veio outro com uma metralhadora e aí eu pulei para dentro do xadrez.*

Tenente-Coronel Antônio Chiari comandava os homens da Rota – Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar.

Edmílson: — *A gente deitou no chão e colocamos (sic) a mão na cabeça, porque a gente sabe que é esse procedimento que tem de tomar (sic) quando a polícia aponta a arma pra gente. E foi nessa posição que eles nos encontraram lá. Ali, onde me encontrava, ninguém foi morto, mas as pessoas que estavam destruindo a barbearia, a copa, a carceragem e a chefia foram todas mortas... foram metralhadas!*

Capitão Ariovaldo Salgado estava à frente dos homens do COE – Comando de Operações Especiais.

Edmílson: — *Foi mandado que levantássemos. Passamos num corredor que tinha um monte de policial. Tomamos cacetadas, chutes, tapas... aí eles subiram já matando em todos os xadrez (sic). Eu imaginei que todos iriam morrer. O helicóptero estava sobrevoando o presídio e, de vez em quando, metralhava os que estavam em cima do prédio e às vezes atingia alguém no pátio. As balas ricocheteavam nas paredes e voltavam em cima da gente... pedaços de projéteis quentes ainda....*

Capitão Ronaldo Ribeiro dos Santos comandou a invasão no primeiro andar do Pavilhão 9.

Edmílson: — *Eu conhecia um rapaz que chamava Marcelo. Ele tinha chegado uma semana antes na cadeia. Ele foi assassinado deitado na cama. Eles colocaram a metralhadora pela janela da porta do xadrez e atiraram para cima. As camas eram de madeira e perfurou toda as costas dele.*

Wellington: — *Na descida das escadas estava cheio de óleo. Conforme o preso escorregava, o policial ia com a baioneta do fuzil e furava o preso.*

Capitão Valter Alves Mendonça foi o responsável pela invasão no segundo andar.

Edmílson: — *Nós estávamos nus ainda e eles chegaram e falaram: “Olha, nós vamos tirar vocês para carregar os cadáveres. Se vocês não carregarem, vão ser carregados!” A gente desceu. Também foi falado: “Aquele que tentar se esconder no meio dos cadáveres vai ser furado para a gente ver se está morto realmente”. Aí o policial foi com a baioneta do fuzil e furou um preso para conferir.*

Tenente-Coronel Luiz Nakaharada comandou a operação de varredura nas celas feita com a ajuda dos cães da polícia militar.

Edmílson: — *Foi um massacre, uma chacina que a polícia cometeu e que vai ficar impune!*

O governador Luiz Antônio Fleury Filho se isentou da responsabilidade sobre a ordem da invasão. Os policiais deixaram o presídio por volta das 18 horas do dia 2. À noite, a diretoria da Casa de Detenção divulgou como oito o número de mortos. Na madrugada do dia seguinte, o repórter Cid Barbosa da CBN desmentiu a versão oficial. Ele antecipou o número de 86 com a ressalva de que o trabalho de investigação não havia terminado. O governo se calou. Era dia de eleição. João Leiva era o candidato apoiado pelo governador Luiz Antônio Fleury Filho à Prefeitura de São Paulo. O número de mortos só foi retificado minutos antes do término das eleições de 3 de outubro. Oficialmente, 111 presos.

Edmílson: — *Foi (sic) mais que 111 presos. Eu não posso dizer com precisão quantos foi (sic), mas foi (sic) mais de 300 presos. Muitos presos desapareceram, porque não tinham família.*

As investigações começaram logo após o massacre. Os laudos periciais mostraram que alguns presos foram mortos com tiros nas costas e nuca. Pelo menos 70 morreram nas celas. Nenhuma perícia mostrou provas de que os presos pudessem estar armados: 85 policiais foram acusados pelas mortes. Os processos estão na justiça comum. No entanto, até 1999, não houve um só julgamento².

12 LIVRES, PORÉM MARCADOS

Ademir Sanches da Rocha, 34 anos. Morador da cidade de Piracicaba. Desempregado. Cumpriu pena de sete anos e seis meses na Casa de Detenção. Ex-presidiário.

Em tese, cumprir uma sentença significa pagar perante a justiça e sociedade o erro cometido. Reconquistar os direitos de cidadão. Apenas em tese. Os que deixaram para trás os cinco portões de aço da Casa de Detenção terão pela frente o desafio de romper muitos outros portões.

Ademir: — *Sempre tem aquele que diz: “Olha, aquele saiu da cadeia, não anda com ele”. Em todos os sentidos isso acontece. As pessoas te rejeitam. A discriminação é clara. Em qualquer lugar... se você falou que é preso, todo mundo vai ficar olhando para você com dez olhos.*

Ademir, que deixara a Casa de Detenção em 1998, tentava arrumar um emprego fixo. Estava se virando com a ajuda da mãe e trabalhos temporários.

Ademir: — *Trabalhando de pedreiro, feirante, pintor, o que aparece, para não ficar pedindo dinheiro para os outros ou fazer coisa errada... no momento.*

— Neste um ano, já bateu desespero?

Ademir: — *Vários, vários desesperos. Muitas vezes deu vontade de fazer coisa errada, porque é mais fácil. Mas eu estou conseguindo me controlar, porque é muito difícil a prisão e eu não estou querendo voltar. Espero conseguir me estabilizar.*

2. Entre os comandantes, dois foram promovidos. Antônio Chiari hoje é coronel da polícia militar e Wanderley Mascarenhas foi promovido a major por tempo de serviço. O coronel Ubiratan Guimarães foi julgado e condenado em 2002, mas recorre em liberdade.

— Nas suas palavras há incertezas. Você acha que pode acabar voltando para o mundo do crime?

Ademir: — *Acho que posso sim, porque eu já fui parado umas oito vezes depois que eu saí. Nas oito vezes, eu fui ridicularizado pelos PMs, apanhei, fui levado para o distrito. Muitas vezes eles falam que vão forjar, mandam eu desaparecer da cidade senão vão me matar... Então, isso aí vai revoltando. Você vai ficando com raiva e tem hora que... sei lá... dá vontade de jogar tudo para cima e ver o que acontece!*

— Mas aí você não pensa nos sete anos e oito meses que você passou na Detenção?

Ademir: — *É por isso que eu estou fazendo o possível e o impossível para me manter fora. Nunca mais quero voltar para esse lugar.*

Agora, em liberdade, Ademir reclama da ausência do sistema que o condenou. Não existe nenhum programa de apoio à reintegração do preso à sociedade. A Casa do Egresso, que tinha essa função, foi fechada em 1994. De acordo com o censo penitenciário de 1994 e 1997, 53% dos homens que cumpriram uma condenação, acabavam voltando à criminalidade e aos presídios.

13 PARENTES E AMIGOS

Sexta-feira. Dia de faxina na Casa de Detenção. Dia de varrer, lavar, enfeitar as celas para o final de semana. Dia de preparar o corpo e o espírito para a recepção dos familiares, quase um ritual sagrado. Os familiares sabiam disso e, só por isso, se submetiam ao estranho e exaustivo passeio. As filas começavam a se formar ainda na madrugada do sábado.

Eram pelo menos oito mil pessoas a cada dia de visita. Os portões eram abertos às sete horas da manhã. Antes de avançá-los, porém, todos eram submetidos a revistas. Pelo menos, duas vezes por mês, Margarete e as duas filhas de 2 e 4 anos se aventuravam para visitar o cunhado.

Margarete: — *É uma coisa horrível. A gente tem de tirar a roupa, ficar totalmente nua... eles olham por baixo da gente... é uma coisa horrível. Eu me sinto muito frustrada... tiram a roupa das nossas filhas...*

— Vocês perdem muito tempo para poder entrar?

Margarete: — *Muito tempo, muito tempo mesmo (a filha, no colo, chora). Às vezes, tem gente que vem dormir aqui para poder entrar ao meio-dia ou uma hora da tarde do dia seguinte. É horrível!*

— Você faz isso uma vez por mês?

Margarete: — *Um ou duas vezes por mês. É muito cansativo, mas tem de vir, porque senão ele vai ficar sozinho. Quem virá? Aí vai ser pior. A gente mesmo estará ajudando ele a ser um marginal quando sair, em vez de melhorar... que é o que a gente quer. Se não vier ninguém, ele vai se sentir uma pessoa abandonada no mundo e quando sair ele não terá por quem lutar.*

— Como mãe, como você explica para sua filha de, num sábado de sol,

trazê-la na Casa de Detenção?

Margarete: — *Eu não posso negar para elas de trazer (sic), porque elas gostam muito do tio. Então, elas pedem, mas elas sabem o sufoco... olha... está aí chorando, nervosa, querendo ir embora..*

No dia da visita fomos impedidos de gravar entrevistas no presídio. Conversamos com os familiares do lado de fora. Nesse dia pudemos entrar apenas para observar, o que no dia de visitas era praticamente proibido. Uma norma dos próprios presos. Ninguém olha familiar de ninguém. Era comum os presos virarem para a parede, quando um outro preso se aproximava com a mulher ou filhos. A infração da regra podia ser uma sentença de morte. As famílias se acomodavam nos pátios e nas celas. Parte do tempo da visita era reservado à intimidade. Nos beliches isolados por cortinas, os casais imaginavam estar a sós. O som que se ouvia era o de aparelhos de TV sempre em alto volume.

Nos corredores, mesas eram improvisadas para o almoço em família. As crianças brincavam de bola com os pais, tios ou irmãos. Gostavam do encontro, mas, inocentes, não escondiam a repugnância do lugar e da situação.

A rotina era dura. Para muitos, insuportável. Vários presos são abandonados; uns literalmente. Maurício Gonçalves estava na Detenção desde 1987. Entrou casado, tornou-se um homem divorciado. Ele dizia entender a atitude da ex-companheira e sufocava a solidão compondo e cantando. Maurício cantava um samba:

“De repente o sol se apagou... para mim. Nunca mais te encontrei e foi meu fim. Nunca mais vi o céu se abrir como flor de jasmim. Cadê você? Diga onde foi parar teu sorriso marcado em meu olhar...”

Maurício: — *Talvez seja a coisa mais triste que um ser humano pode passar. Não existe coisa mais linda que sentir a liberdade, sentir a proximidade das pessoas que a gente gosta. A gente só dá valor nessas coisas quando estamos encurralados ou quando nos sentimos perdidos. E agimos até com covardia nesses momentos, porque nós tivemos a chance de não deixar acontecer. Então, se torna mais difícil alguém acreditar na gente... fica mais triste ainda a distância deles...*

14 DROGAS CONVENIENTES

Waldemar Gonçalves. Profissão: agente penitenciário. Salário: mil reais. Waldemar trabalhava havia treze anos na Casa de Detenção. Conhecia o quadrilátero como a palma da mão. Movimentos, reações. Seu Waldemar se destacava por fugir à função básica. Ele era uma espécie de conselheiro dos presos. Quando os homens, que não se permitiam chorar, extrapolavam, era na sala de seu Waldemar que eles se refugiavam. No ano do massacre, 1992, ele estava lá. Contou que, quando a polícia militar deixou o presídio, a Casa de Detenção era outra. Tombaram homens e ergueram o ódio...

Waldemar: — *O que restou foi o lixo para a gente movimentar. Ficou um ambiente de desolação, um ambiente difícil para a gente conviver.. Você imagina o que é um pessoal que sai de uma situação assim, de um problema desse... Como*

a gente dizia aqui na cadeia, todo mundo está com sangue nos olhos. Antes ou depois de 1992. Trabalhar na Casa de Detenção de São Paulo sempre foi um fardo. A rotina é deprimente. O salário pequeno. Margem à desconfiança... a desconfiança da corrupção.

— Qual a melhor convivência aqui. A convivência da convivência ou a do funcionário “durão”?

Waldemar: — *A convivência melhor aqui é a do respeito.*

— Toda vez que se fala de corrupção no sistema penitenciário, se faz a ligação dessa corrupção com os funcionários. Isso incomoda?

Waldemar: — *Não, porque eu acho o seguinte... existe aquele ditado da carapuça. Eu não tenho tempo para pensar em corrupção, porque na minha volta pouco observo e o meu tempo é gasto com o trabalho. Então, quem quiser fazer suas correrias é com eles mesmos, né? Eu tenho que ver o meu trabalho, minha vida e quem está ao meu redor. O resto é resto.*

Drogas. Eram elas que afloravam a corrupção. Não era preciso nenhum trabalho exaustivo para confirmar a presença delas no presídio. Na enfermaria eram comuns os casos de desnutrição, resultado de dias após dias de consumo de *crack*.

Presos recolhidos no pavilhão do seguro não escondiam estar jurados de morte por débitos contraídos por drogas.

Os presos não diziam onde elas estavam, nem quem as fornecia. Limitavam-se a justificar: um viciado busca a droga e a droga, o viciado. Na direção não há hipocrisia. O responsável pela Detenção, Walter Hoffgen, admitiu a existência do tráfico. *Uísques*, maconha, *crack*, cocaína. A porta de entrada era a da frente.

Walter: — *Em todo presídio você vai encontrar a droga, por menor quantidade que seja. Parece até que ela faz parte da cultura do sistema. Os meios de introdução são os mais diversos; através dos familiares, na maioria das vezes, facilitado pelo próprio funcionário, que é conivente. A exemplo disso, nós temos vários funcionários que foram presos e autuados em flagrante por introdução de drogas no presídio. Na minha opinião, por mais que se faça, isso nunca vai terminar, porque você prende e no decorrer do tempo virá outro que vai se dispor, assim como com relação à família. A Casa de Detenção recebe nos finais de semana de oito a dez mil visitantes. Eu não tenho condição de fazer revista rigorosa. Eu não tenho meios para isso. A introdução maior é sempre através da conivência do próprio funcionário.*

Walter: — *Qualquer ato de corrupção a gente procura desvendar e punir, quando se pode punir. Mas ela também não tem essa proporção que se fala, em que pese exista. É o que mais me aborrece. Não só a mim, mas também à minha equipe de confiança.*

Hoffgen foi diretor de segurança da Casa de Detenção por dezesseis anos. Em 1983, ele era um dos quatro funcionários feitos reféns durante a rebelião que terminou com 19 pessoas mortas. Deixou a Detenção para dirigir a Penitenciária do Estado. Ficou lá por oito anos. Havia dois anos e meio estava na função de diretor da Casa de Detenção. Dizia que estava fazendo o possível, mas, sem constrangimento, admitiu que o que fazia não era suficiente. Hoffgen se rendeu à proposta de desativação do presídio.

Walter: — *Eu acho que a Detenção terá de ser desativada, porque se continuar com essa população e deste tamanho, eu não administro; não faço uma boa administração, e tenho consciência disso, e não fará quem vier por aqui, como não fez quem também já passou por aqui. E diria mais: não manteria nem o prédio para a história. Eu demoliria, implodiria a Detenção!*

15 DESCRENÇA

Promessa do Governo: a Casa de Detenção será desativada. Mas os presos ignoravam o plano. A promessa soou apenas como mais uma.

Depoimento de preso: — *Sou uma pessoa realista. Pelo tempo que estou aqui, não acredito que a Casa de Detenção será desativada. Isso aí é areia!*

Depoimento de preso: — *Eu acredito que isso foi um tremendo jogo político. Mesmo porque eles estão mandando cem para rua e trazendo duzentos para cá. Não acredito que seja implodido isso aqui a curto prazo.*

Rap/Comunidade Carcerária – grupo da Detenção: *A transferência não dá para falar. Assunto na TV, rádio, notícia popular. São tudo propaganda (sic), propaganda eleitoral. Se elegem presidente na maior cara-de-pau. Depois que tudo passa e acaba a eleição, se esquecem da promessa de explodir a Detenção...*

As transferências começaram em agosto, com remoção de presos condenados, que estavam irregularmente em distritos policiais. A Casa de Detenção continuava superlotada.

O secretário estadual da Administração Penitenciária, João Benedito de Azevedo Marques, garantia que em dezembro de 1999 a Casa de Detenção começaria a ser esvaziada.

Marques: — *A Casa de Detenção foi um dos maiores erros, um dos maiores crimes cometidos em termos de política prisional no Estado de São Paulo, no Brasil e no mundo. A Casa de Detenção é um estabelecimento prisional que tem hoje 7.300 e capacidade de 3.200 presos. É uma administração muito difícil. Sempre costumo dizer: imagine uma escola para sete mil e duzentos adolescentes normais; mais funcionários, diretores, professores. Na Casa de Detenção, nos finais de semana, são quase vinte mil pessoas. É alguma coisa inadministrável, que contraria a lógica, o bom senso, que contraria as normas nacionais e internacionais e, por isso, tem de acabar e vai acabar!!!*

O grupo de rap Comunidade Carcerária era formado por quatro presos da Casa de Detenção. Três deles, jovens de 20, 22 e 23 anos, condenados por tráfico e assalto. Jovens da periferia.

Depoimento: — *O Governo tem sua parcela de culpa. Não digo totalmente, porque em muitos casos a culpa é do próprio preso. A culpa que eu falo do Governo é o estudo, que não é para todos. Pode ser que agora modifica (sic) alguma coisa, não sei e não acredito nisso. Mas se o estudo, a educação partir (sic) desde o menor, automaticamente ele (o Governo) estará criando um espaço para ele (o menor) não vir para cá. A sociedade lá fora não vai ajudar, se o próprio Governo não ajudar a gente sair. Senão vai constituir um efeito bumerangue: vai e volta.*

Promessa do Governo: nos novos presídios, só não terá oportunidade de recuperação o preso que não quiser.

Marques: — *Nas novas unidades, todo preso que quiser trabalhar, e com isso ele poderá remir sua pena, terá trabalho. E terá educação para todo preso que queira estudar, que queira mudar de vida, encontrar um outro caminho, um caminho dentro da lei.*

— A Casa de Detenção foi construída para 3.250 presos. Hoje tem 7.300 homens. Os 24 novos presídios estão sendo construídos com capacidade para 860 presos cada um. Dentro dessa perspectiva de criar esses novos estabelecimentos, o senhor acha que nós teremos, finalmente, a possibilidade de recuperação da comunidade carcerária?

Marques: — *Isso vai depender muito também da comunidade. Nós temos um trabalho muito bonito, pequeno, iniciado na Divisão de Serviço Social com os egressos. Com apoio, uma bolsa, que a gente dá para o egresso para ele trabalhar e vender os produtos que faz. Mas resta saber se o preso que estudou, foi profissionalizado, que teve um diploma, se depois, quando sair, a sociedade não lhe fecha as portas também. Então, esse processo todo, que não pode ser tratado demagogicamente, nem emocionalmente, tem de ter a participação da sociedade, da comunidade. Afinal de contas, o preso é um cidadão que nasceu na nossa sociedade e a sociedade tem parcela de responsabilidade por onde ele chegou, que é a criminalidade e a marginalização. Então, a comunidade tem de participar, não fechando as portas para o emprego. É preciso estender a mão. O preso tem de receber a punição pelo mal que fez, pelo crime que praticou contra a sociedade, contra uma determinada vítima, mas também tem de ter a mão estendida.*

Rap/presos: Comunidade Carcerária agora quer saber, o que a sociedade pode fazer. Comunidade Carcerária vai lhe dizer, que a lei por aqui é sobreviver!

A Casa de Detenção foi desativada no final de 2002. No dia 8 de dezembro, três dos sete pavilhões foram implodidos. Em sete segundos as estruturas viraram pó. E o modelo? Mas isto é tema para outra discussão. Fico imaginando onde estão agora os homens com os quais conversei. Sei de alguns que morreram, outros foram transferidos. Recebi várias mensagens sobre a série. Muitos ouvintes gostaram, muitos detestaram. Fui chamada à Corregedoria para dar mais detalhes sobre algumas denúncias. A Ordem dos Advogados do Brasil solicitou cópia. O debate foi estimulado... É isso!

Resumo: A autora relata a reportagem feita para a Rádio CBN na Casa de Detenção de São Paulo, tendo como gancho de pauta a desativação do presídio. Fez uma série de 13 reportagens, em que procurou contar a história do quadrilátero sem se ater ao que quase todos os veículos de comunicação já tinham apresentado: os crimes, as fugas e o massacre de 111 presos em 1992. Procurou durante nove dias seguidos ouvir o cotidiano dos presos. Gravou 16 horas de depoimentos. A autora mostra com essa reportagem a importância que a narrativa ainda tem na reportagem radiofônica. Reflete também o compromisso dos profissionais da imprensa e questiona o direito desse profissional de banalizar as aflições das pessoas em troca do imediatismo da mensagem, muitas vezes exigidas por pressão da emissora.

Palavras-chave: casa de detenção, presos, cotidiano, narrativa.

Abstract: The author narrates a reportage work she has done for CBN Radio at the Sao Paulo Temporary State Prison. Using the deactivation of the prison as guideline, she made a series of 13 radio reports where tried to tell the history of that building without abiding by what almost all the communication vehicles had already presented: the crimes, the escapes and the slaughter of 111 prisoners in 1992. She attempted, along nine followed days, to listen about the prisoners' routine. She recorded 16 hours of testimonies. With this reportage work, the author shows the importance that narrative still has in radio reporting. She also reflects on the press professionals' commitment and questions their right to banalize people's affliction in exchange of the immediate message, many times provoked by the broadcast demands.

Keywords: temporary state prison, prisoners, routine, narrative.